

FICHA FRASEOLÓGICA: UM DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA ORGANIZAÇÃO DE UM DICIONÁRIO FRASEOLÓGICO

PHRASEOLOGICAL RECORD AS ONE OF THE INSTRUMENTS USED IN THE ORGANIZATION OF A PHRASEOLOGICAL DICTIONARY

Carlene Ferreira Nunes SALVADOR¹

Abdelhak RAZKY²

RESUMO: Considerando a riqueza fraseológica presente na língua portuguesa e o crescente interesse pela catalogação dessas estruturas em dicionários, objetivou-se com este trabalho registrar a importância da ficha fraseológica durante a elaboração de um dicionário fraseológico ou dicionário especial. O aporte teórico-fraseológico ficou circunscrito à proposta da escola francesa a partir de Mejri (1997) que dentre outros fatores elege os critérios da polilexicalidade, da fixidez, da frequência, da congruência e da idiomaticidade como marcas que permitem a identificação e a delimitação das unidades fixas de uma língua. Para tanto, procedeu-se à constituição do corpus inédito o qual foi coletado de jornais populares brasileiros ancorados na web, mais especificamente notícias do futebol masculino de campo, relacionadas às séries B, C e D do Campeonato Brasileiro no recorte temporal de 2008 a 2015. Após a coleta os dados foram tratados e sistematizados no software WordSmith Tools 6.0, o que possibilitou a extração dos fraseologismos, os quais foram organizados no software Lexique pro. Observou-se que questões referentes à sistematização: delimitação e inclusão desses fraseologismos em dicionários ainda é motivo de dúvida entre os diversos autores da área Biderman (2001), Pontes (2010), Roncolato (2004) e Xatara & Parreira (2011). O que permite concluir que neste processo que envolve tantas escolhas, a ficha fraseológica, conforme Serrano Lucas (2010) mostrou-se um instrumento útil para a organização e o registro dos fraseologismos estudados.

PALAVRAS-CHAVE: Ficha fraseológica. Delimitação e inclusão de fraseologismos. Dicionário fraseológico.

ABSTRACT: Considering the phraseological wealth present in the Portuguese language and the growing interest in the cataloging of these structures in dictionaries, this paper aimed to demonstrate the importance of the phraseological record during the development of a phraseological dictionary. This research is grounded on the theoretical assumptions of the French school from Mejri (1997), which among other factors chooses the criteria of polilexicality, fixity, frequency, congruence and idiomacity as marks that allow the identification and delimitation of fixed units of a language. The *corpus* used for this research was comprised by Brazilian popular newspapers anchored on the web, specifically news from men's field football, related to the Brazilian Championship's series B, C and D from 2008 to 2015. The data were processed and systematized in the software *WordSmith Tools 6.0*, which enabled the extraction of the phraseologisms, which were organized in the software *Lexique Pro*. It was observed that questions regarding the systematization about delimitation and inclusion of these phraseologisms in dictionaries is still a matter of doubt among the authors Biderman (2001),

1. Doutora pela Universidade Federal do Pará-UFPA. Professora Assistente III da Seduc-PA. Email: carlene.salvador77@gmail.com.

2. Docente e pesquisador na Universidade Federal do Pará e Universidade de Brasília. Email: arazky@gmail.com.

Pontes (2010), Roncolato (2004) and Xatara & Parreira (2011). This allows us to conclude that in this process involving so many choices, the phraseological form, according to Serrano Lucas (2010), has proved to be a useful instrument for the organization and registration of the phraseologies studied.

KEYWORDS: Phraseological sheet. Delimitation and inclusion of phraseologisms. Phraseological dictionary.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

De acordo com Biderman (1998, p. 129), “*os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua*”. No entanto, conforme aponta Strehler (1998, p. 169), esta descrição “*nunca pode ser completa porque o vocabulário é uma classe aberta, isto é, uma vez impresso o dicionário, já podem existir novos neologismos*”. Além disso, conforme esse autor, a cada tipo de dicionário se fixam objetivos diferentes em relação às entradas selecionadas e ao público a que é destinado.

É frequentemente complexo estabelecer a classificação das obras lexicográficas dentro de uma tipologia rígida porque são muitos os elementos que entram na composição de um dicionário para que ele seja classificado apenas como um tipo de obra. O *Dicionário gramatical de verbos* (BORBA, 1990), por exemplo, é um dicionário monolíngue, semasiológico, sincrônico e especial ao mesmo tempo. A classificação em tipos e subtipos dependerá, portanto, do enfoque adotado pelo lexicógrafo. Considerando o tipo de nomenclatura selecionada, teremos dicionários de língua geral, dicionários terminológicos ou de especialidade e dicionários especiais (analógico, ideológico, histórico, etimológico, fraseológico, de frequência, de sinônimos e antônimos, de falsos cognatos, de regência verbal, de regência nominal, de neologismos). Importante é saber que a distinção entre dicionário analógico e ideológico não é consensual para grande parte dos lexicógrafos, porém acatamos a esse respeito as definições de Haensch *et al.* (1982): esses autores nos indicam que “*o dicionário analógico apresenta uma seleção de conceitos organizados alfabeticamente e divididos em campos semânticos*”, enquanto que os dicionários ideológicos são aqueles que possuem sistemas de conceitos não organizados alfabeticamente.

Considerando o tratamento das unidades fraseológicas nos dicionários de língua geral, percebe-se uma não sistematização quanto à lematização dessas estruturas uma vez que elas estão listadas, na sua maioria, como subentradas³ como

3. Neste caso é necessário observar os propósitos estabelecidos por cada elaborador, pois pode ser que não seja objetivo da obra tratar de fraseologismos e não entrar no mérito da questão de forma que em alguns casos ocorra apenas menção a essas estruturas, não sendo, portanto o objetivo principal.

bem nos informa Pontes (2010) “*mais precisamente, localiza-se, em geral, hierarquicamente abaixo da palavra-entrada, após as acepções da entrada principal*” o que gera outro problema, uma vez que os autores não uniformizam a definição das subentradas. Enquanto uns preferem a base do sintagma como descritor para iniciar a definição, outros preferem distinguir para cada subentrada um tipo de descritor para a definição. Há ainda dicionários que trazem um grande número de fraseologias, de tipos variados, como é o caso de Ferreira (2010); outros, porém, como o de Rocha (2010) apresentam poucos exemplos dessas estruturas.

Como uma forma de suprir as lacunas referentes à lematização e aos contextos de usos das unidades fraseológicas tratadas em dicionários, é que se tem percebido uma atenção maior dos pesquisadores dessa área nas últimas décadas, o que tem gerado uma gama maior de trabalhos sobre esse tema.

2 O DICIONÁRIO FRASEOLÓGICO: UM DICIONÁRIO ESPECIAL

Segundo Boutin-Quesnel (1985), o dicionário especial é um dicionário de língua que descreve as unidades lexicais selecionadas por algumas de suas características, em nosso caso, unidades polilexicais caracterizadas, dentre outros critérios, pela sua frequência, fixidez, congruência e idiomaticidade (MEJRI, 2012). Para Boulanger (1995), nos dicionários especiais, a seleção das unidades fraseológicas registradas é feita com base em uma ou duas características específicas, no plano funcional ou semântico, sendo que suas informações são sempre do mesmo tipo, nestes termos e por encaixar-se na definição proposta pelo autor, o dicionário fraseológico constitui-se também como um dicionário especial.

A elaboração de dicionários fraseológicos (DFs) da língua comum, o tipo de obra que trata dos provérbios, das expressões idiomáticas, das gírias, dentre outras, envolve, em primeiro lugar, dar conta de uma literatura especializada, a qual tem apresentado produção e investigação intensa nas últimas décadas. Em segundo lugar, faz-se necessário decidir entre inventariar o maior número possível de fraseologismos, ou descrevê-los mais minuciosamente, pois a partir dessa decisão ter-se-á ou um dicionário que traz um grande acervo daquele determinado tipo de unidade polilexical e, se bilíngue, “apenas” acompanhado de propostas de equivalência, ou ter-se-á um dicionário de menores proporções quanto ao número de entradas, mas podendo apresentar contextualizações das unidades polilexicais levantadas. É preciso, em terceiro lugar, definir quais as fontes a serem utilizadas: se documentais, com base em bancos de textos; ou se secundárias, com base em uma grande coletânea de outros dicionários.

A organização de fraseologismos em dicionários revela que não é possível registrá-los em um, três ou dez dicionários, pois a linguagem fraseológica brasileira é riquíssima e amplamente presente na linguagem coloquial, como se confirmou nos textos recolhidos para esta pesquisa, e as opções estruturais adotadas para se apresentarem os dados fraseológicos coletados são também diversificadas, com enfoques e desdobramentos completamente novos.

2.1 O TRATAMENTO FRASEOGRÁFICO DOS FRASEOLOGISMOS

O sistema de inclusão dos fraseologismos nos DLGs ainda não é sistemático, normalmente havendo objeções quanto à extensão da combinatória “*pequena área*” ou “*na risca da pequena área*”, se os fraseologismos vierem como entradas, ou quanto à extensão dos verbetes, se vierem como subentradas. Nos dicionários de língua geral brasileiros, na maioria dos casos, são apresentadas expressões idiomáticas ao lado de colocações, provérbios, expressões regionais, sem que haja distinção clara entre cada estrutura. Assim, caso o consulente procure um fraseologismo em um DLG ele deve começar a consulta, em geral, buscando-se por uma palavra-chave presente na combinatória. No verbete “*perna*”, por exemplo, encontramos a definição do termo referindo-se a ‘cada um dos membros inferiores do corpo humano, usado principalmente para sustentação e locomoção’, e a partir dessa palavra-chave encontra-se a ‘expressão’ *perna de pau* que significa, já na quinta acepção, ‘jogador ruim, sem habilidade; botinado, perneta’.

Strehler (2003) apresenta uma explicação sobre a questão que envolve o funcionamento do paradigma e a necessidade de se recorrer a uma interpretação cultural para preservar possíveis analogias.

Xatara & Parreira (2011) em seu artigo *A elaboração de um dicionário fraseológico* estabelecem que assim como o trabalho do lexicógrafo não deve ser apenas o de um técnico, mas antes de tudo, de um conhecedor da metalexilogia, o que o torna capaz de refletir e analisar, com base em critérios claramente científicos, o tipo de unidade lexical que ele escolherá para compor a nomenclatura de sua obra, também o elaborador de um dicionário fraseológico deve recorrer aos princípios da Fraseologia e da metafraseografia para oferecer ao público um trabalho coerente.

Neste sentido, as autoras estabelecem o percurso da produção de um dicionário fraseológico e os questionamentos que o elaborador deve fazer:

- a) quais elementos entrarão na microestrutura de cada verbete?
- b) tratar-se-á de uma obra monolíngue, bilíngue ou multilíngue?
- c) qual será o público alvo? (XATARA & PARREIRA, 2011, p. 71-72)

Tendo respondido a estas questões iniciais é possível passar à etapa seguinte de construção do dicionário fraseológico, em que se definirá se será produzido um dicionário:

- a) de unidades complexas só conotativas ou também denotativas;
- b) de todas as unidades coletadas ou apenas das unidades usuais;
- c) de uma ou duas direções, no caso dos bilíngues;
- d) de microestrutura o mais completa possível (para um público acadêmico, por exemplo) ou de microestrutura mais simplificada (para o público em geral);
- e) de organização alfabético-semasiológica ou onomasiológica;
- f) de editoração impressa ou digital. (XATARA & PARREIRA, 2011, p. 71-72)

A despeito de todas as características supracitadas, no que se refere à qualidade do dicionário fraseológico, não se pode descartar o conhecimento linguístico complexo que revela a interface da Fraseologia com outras áreas do conhecimento, fronteiriças para a descrição das expressões de uma língua.

Nestes termos, caso o fraseógrafo decida incluir a transcrição fonética, por exemplo, em seu dicionário, será necessário recorrer aos domínios da Fonética ou caso deseje tratar de uma ou mais entradas com recursos morfológicos deverá recorrer à Morfologia, o que se repete com a Sintaxe, e a Semântica, entre outras.

Almeida (2008) baseada na extração de dados conforme a Linguística de Corpus estabelece os seguintes critérios para a inserção de fraseologias nos dicionários gerais:

- a) frequência, ou seja, o número de vezes em que a fraseologia ocorre no corpus;
- b) relevância semântica da unidade para um dado campo especializado, uma vez que é possível que uma fraseologia, embora relevante, não apareça com alta frequência no corpus;
- c) pertinência de determinado domínio do saber para a atualidade, pois as fraseologias têm sempre uma especialidade temática.

Os critérios devem ser decididos após a constituição do *corpus*. Após a extração dos dados fraseológicos do *corpus*, eles deverão encabeçar os verbetes do dicionário e apresentar as informações obrigatórias em todos os verbetes:

- a) unidade entrada;
- b) marca de uso;
- c) definição da unidade fraseológica naquele domínio do saber;

- d) exemplos de uso retirados do *corpus*, informação imprescindível em se tratando de fraseologia, uma vez que essas unidades possuem características tais como: unidades sintagmáticas, ou seja, são formadas por mais de um elemento linguístico, possuem um núcleo, têm estabilidade sintática e semântica, possuem determinado grau de fixação, têm frequência relevante em determinado domínio e são utilizadas em determinado âmbito especializado. (ALMEIDA, 2008, p.5)

A autora elenca ainda quais são as informações não obrigatórias, mas que se o elaborador tiver condições de apresentar em sua obra os seguintes itens:

- a) pronúncia dos constituintes da fraseologia, pois em alguns casos essa informação pode se revelar importante;
- b) remissiva, ou seja, quando se revela útil sugerir ao consulente outra fraseologia que mantenha relação semântica com a fraseologia entrada ou quando é necessário sugerir a forma mais adequada. (ALMEIDA, 2008, p.5)

2.2 O PROBLEMA METODOLÓGICO DA INCLUSÃO DOS FRASEOLOGISMOS

A lematização das unidades fraseológicas em dicionários constitui-se como uma das tarefas mais difíceis para o fraseógrafo, observe-se as palavras de Biderman (2001, p.140) “é um problema espinhoso, pois sua identificação constitui uma séria dificuldade teórica” corriqueiramente, em dicionários gerais, costuma-se, como dito anteriormente, colocá-las incorporadas ao verbete como subentradas, o que pode ser comprovado, por exemplo, no dicionário HOUAISS.

Pontes (2011) ao tratar sobre a inclusão das unidades fraseológicas em dicionários ressalta que a “*concepção tradicional de palavra, sem dúvida, teve repercussões nos estudos de Lexicografia tradicional, quando, por muito tempo, deixou de fazer reflexões sobre fraseologia e suas diversas unidades.*” Neste caso, a consequência, seria que os produtos lexicográficos não as contemplavam em sua composição e nem sempre as tratavam adequadamente. Tanto na tradição gramatical quanto na linguística moderna, a noção de palavra tem servido sistematicamente para denominar unidades intermediárias (situadas entre o morfema e o sintagma) que, como lembra Salah Mejri, possam ser reduzidas a um só morfema; pertençam a uma parte do discurso; sirvam de suporte à atualização de diversas categorias gramaticais graças a características morfológicas apropriadas. Lembremos que, se a noção de palavra segue sendo problemática, isso se deve ao

não estabelecimento de limites claros. Concordando com Mejri (1997, p. 132), consideramos que, se a noção de palavra, a despeito de todos os ataques, faz prova de grande resistência, é porque faz parte de uma realidade linguística apreendida de forma intuitiva, sem que os critérios formais até então delineados sejam suficientes para sua delimitação.

Ao analisar o tratamento dado às unidades fraseológicas em dicionários escolares, Pontes (2011) apresenta algumas das características fundamentais desses dicionários em relação à disposição de como essas fraseologias são elencadas, as quais, nas palavras do autor, se situam “*após as acepções, raramente se exemplificam, mas sempre se definem. E se encontram destacadas com letras diferenciadas e introduzidas em geral por um símbolo.*”

No mesmo artigo, o autor explicita ainda que os dicionários escolares brasileiros estudados apresentam um número grande de fraseologias em suas composições, como é o caso de Ferreira (2010), o qual apresenta variados tipos dessas estruturas e o dicionário de Rocha (2010), que apresenta poucos exemplos. Neste contexto, alguns dos pontos positivos encontrados estão relacionados às questões tipográficas e ressalta que as fraseologias, de qualquer tipo, vêm sempre marcadas por diacríticos diferenciados pela cor e as relações diatécnicas, servindo para delimitar efeitos de sentido, também são apresentadas após a fraseologia e negativamente, cita o fato de serem raras, nessas obras, as marcas diatópicas.

A questão da inclusão das unidades fraseológicas também é abordada por Alves (2014) em que a autora destaca os problemas relacionados à macro, médio e microestrutura, em que a delimitação da UF seria a maior dificuldade em relação à macroestrutura, pois apesar de toda unidade fraseológica ser plurilexical, encontra-se divergência em estabelecer-lhes o limite, observe-se, por exemplo, *zona de rebaixamento e dormiu na zona de rebaixamento*, neste caso, qual das duas combinatórias deveria ser a unidade-entrada. A esse respeito Tristá Pérez (1998) afirma que “*o equívoco em determinar os componentes de uma UF pode modificar sua categoria gramatical (uma UF com função de advérbio apresentada como verbal, por exemplo)*” em último caso, pode também comprometer a descrição linguística, acarretando uma possível interferência na visão dos fatos de norma por parte do usuário. Em outras palavras, corre-se o risco de fazer uma descrição que não condiz com a realidade linguística.

A autora lista também o problema de qual palavra deve encabeçar a fraseologia, em *gol da virada*, a fraseologia poderia aparecer tanto em *gol* quanto em *virada*, dependendo do critério adotado pelo elaborador, caso seja um dicionário de língua geral ou estruturado onomasiologicamente. O terceiro

problema é o registro de variantes, em que é preciso decidir se, na condição de variantes, elas serão registradas juntas, sob algum lema que compartilham ou se devem ter entradas independentes.

Portanto, são muitas as decisões tomadas ao longo do processo de feitura de um dicionário e todos os fatores citados devem ser levados em consideração quando chegada a etapa de inclusão de cada fraseologia.

2.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO DE FRASEOLOGISMOS

Como vimos até agora a questão da inclusão de fraseologismos em dicionários ainda é controversa e isso ocorre em parte devido aos critérios de caracterização (polilexicalidade, fixidez, frequência, congruência e idiomaticidade) e principalmente, pela delimitação/extensão de cada uma dessas estruturas fixas. Porém, há um esforço de pesquisadores em estabelecer um parâmetro que possibilite ao menos enquadrar esses fraseologismos em algumas características comuns. Roncolato (2004) após análise de cinco dicionários fraseológicos sintetiza alguns dos critérios os quais a autora considera os mais importantes para a elaboração de um dicionário fraseológico:

- a) ter um conceito preciso de expressão idiomática e de expressão fixa, deixá-lo claro ao leitor e ser fiel a ele durante a seleção das construções;
- b) incluir observações quanto a usos regionais e gerais;
- c) realizar atualizações a cada edição;
- d) apresentar os significados de modo claro e completo a fim de viabilizar o entendimento da abrangência de tais significados;
- e) apresentar a expressão acompanhada de pelo menos um exemplo que pode ser uma oração ou um período em que a unidade fraseológica possa estar inserida. (RONCOLATTO, 2004, p. 9)

MEJRI (2012) também elenca algumas dificuldades referentes ao tratamento das combinatórias sintagmáticas, dentre os quais está o reconhecimento dos fraseologismos, uma vez que os softwares disponíveis ainda apresentam seu sistema de identificação por meio do item lexical, da palavra simples. Relata também a dificuldade de construção de lematizadores dessas unidades, assim como a descrição das regras de cristalização.

Neste caso, concordamos com Xatara (1998) e Ortíz Alvarez (2000) quando tratam do problema metodológico recorrente nos dicionários de fraseologia: a mistura de conceitos na distinção de cada unidade fraseológica.

Com base no exposto acerca das decisões que devem ser tomadas durante a construção de um dicionário fraseológico, apresentamos então, uma obra em que o verbete está organizado a partir da unidade entrada (fraseologismo), a qual é constituída por um campo semântico, uma categoria gramatical, uma definição, um contexto de uso acompanhado da fonte indicativa de onde o exemplo foi retirado, uma variante (se houver), uma remissiva (se houver), uma nota explicativa nos casos em que a definição não seja suficiente para o entendimento da unidade, uma imagem (quando for possível ilustrar) e um vídeo (quando a ilustração não for suficiente); trata-se de uma obra monolíngue destinada tanto ao público acadêmico quanto a todas as pessoas que se interessarem pelo tema. Decidiu-se ainda, elencar tanto as unidades complexas conotativas quanto as denotativas, assim como tantas quanto fosse possível, em quantidade, que estivessem dentro dos critérios estabelecidos por MERJI (1987), de microestrutura o mais completa possível, tendo sido organizado semasiologicamente, em versão impressa e eletrônica (CD ROM).

Para configurar como entrada a unidade fraseológica apresentou frequência igual ou superior a cinco vezes no corpus, porém houve casos em que a unidade apareceu apenas três vezes e ainda assim foi contemplada no dicionário, por apresentar características semânticas relacionadas ao futebol e por fim, algumas fraseologias são listadas em função do domínio do saber para a atualidade e pertinência do campo temático.

3 ETAPAS METODOLÓGICAS

Como visto nos tópicos anteriores, dentre as muitas dificuldades que o elaborador de um dicionário fraseológico enfrenta está aquela que se refere à lematização dessas unidades. Uma das dúvidas mais frequentes sobre esse tema recai no ponto: onde a unidade fraseológica deve aparecer no verbete, se como unidade-entrada ou como subentrada, a forma mais aceita pelos lexicógrafos nos dicionários gerais. Porém, neste trabalho, por buscar-se basicamente o registro de fraseologismos e por considerar que a fraseografia oferece critérios capazes de possibilitar a delimitação e a definição de fraseologismos é que se considerou que os mesmos deveriam figurar como entrada principal. Antes de darmos início a esta tarefa, surgiram alguns questionamentos, levando em conta principalmente, as inquietações levantadas por Montoro (2004, p.591), quais sejam:

Quadro 01 – Questões norteadoras para o registro de fraseologismos em dicionários

QUESTÕES NORTEADORAS PARA O REGISTRO DE FRASEOLOGISMOS EM DICIONÁRIOS, DE ACORDO COM MONTORO (2004, p.591)	
1	Qual item lexical componente da unidade fraseológica deve figurar como entrada ou lema?
2	Como se deve explicar seu significado nos verbetes?
3	Como deve ser especificado o potencial comunicativo dessas unidades lexicais?
4	Como e onde devem ser especificadas as marcas de variação linguística?
5	As unidades fraseológicas só poderão constituir entradas e lemas em dicionários especificamente fraseológicos?
6	Como o lexicógrafo deve citar a unidade fraseológica?

Fonte: Montoro (2004)

A partir destes questionamentos passamos, em nosso trabalho, a elencar as unidades fraseológicas relativas ao universo do futebol encontradas no *corpus*. O registro dessas unidades só foi possível devido a alguns instrumentos que permitiram a organização sistemática dos dados, porém dentre esses instrumentos a ficha fraseológica mostrou-se como um dos mais relevantes, para ela dedicamos a seção seguinte.

3.1 A FICHA FRASEOLÓGICA

No processo de organização de um dicionário seja ele de natureza geral, terminológica ou fraseológica é importante que haja a figura da ficha⁴ fraseológica, importante instrumento de registro e consulta para o elaborador, a qual funciona como uma espécie de guia, em que se pode retornar e efetuar consultas durante o processo de construção do dicionário.

Apesar da quantidade de trabalhos fraseográficos apresentados nas últimas duas décadas, ainda é raro encontrar uma sistematização para o instrumento ficha fraseográfica. As muitas definições empreendidas tomam como base os estudos terminológicos e a partir deles é que se tem nomeado esse instrumento. Aubert (2001, p. 31-32) assim a define:

[...] uma constatação do uso em situação. A definição não constitui a parte essencial, exceto na medida em que a situação registrada contenha a definição. Fundamenta-se esta ficha sobre um contexto, cujos traços semânticos permitam depreender a relação *significado* (conceito)/*significante* (designação). Cada ficha terminológica cons-

4. Faulstich (2010, p.13) considera a ficha terminológica como 'a *certidão de nascimento*' de um termo, neste caso, da unidade fraseológica. Optou-se, neste trabalho, chamá-la de ficha fraseológica.

titui um núcleo autônomo e a unidade terminológica (ou termo) vem apresentada em sua ordem sintagmática normal. Cada sintagma aparecerá em ficha própria e, ao menos idealmente, cada ficha terminológica será monossêmica; ou seja, a cada novo sentido identificado na situação corresponderá uma ficha distinta. A ficha terminológica é, pois, analítica, descritiva. (AUBERT, 2001, p. 31-32).

Para a constituição do verbete do nosso dicionário, fizemos uso da ficha proposta por Serrano Lucas (2010), com adaptações, ressaltando-se que nem todos os campos propostos são obrigatórios e sim devem ser organizados conforme as especificidades de cada investigação, exemplificada na tabela 01.

Tabela 01 – Ficha fraseológica

Item	
1.	Nº:
2.	Unidade fraseológica
3.	Campo semântico
4.	Categoria gramatical (tipo de construção)
5.	Definição
6.	Contexto de uso Fonte do contexto de uso
7.	(Variante):
8.	(Remissiva)
9.	(Nota):
10.	Data:

Fonte: Extraída de <http://www.paremia.org/joomla/paremia/PAREMIA19/19-SERRANO.pdf> com adaptações

O modelo de ficha fraseológica adotado em nosso trabalho é composto por 10 campos os quais apresentamos abaixo com suas respectivas descrições:

- 1) A ficha apresenta um número de recolha das unidades fraseológicas.
- 2) Refere-se à unidade fraseológica que foi objeto da descrição.
- 3) O campo semântico refere-se à macro área de acordo com o domínio pesquisado, devido ao uso do programa eletrônico é possível efetuar a organização de forma analógica sem maiores problemas.
- 4) A categoria gramatical indica as informações gramaticais acerca da unidade-entrada, As categorias listadas neste trabalho foram:
 - *sn* = sintagma nominal
 - *sv* = sintagma verbal
 - *loc. adj.* = locução adjetiva
 - *loc. adv.* = locução adverbial
 - *loc. prep.* = locução preposicional

- 5) A definição diz respeito à indicação do significado do fraseologismo no fragmento selecionado, como em, ‘bater bem’, ‘Chutar a bola com precisão’.
- 1) O contexto de ocorrência refere-se ao contexto de onde o fraseologismo foi retirado e a apresentação de um fragmento, considerando que esse processo envolva textos autênticos e sem exemplos forjados, procedentes de uma fonte real, sendo suficientemente amplo para que haja o completo entendimento do fraseologismo e seu significado. Após o fragmento tem-se o código com a indicação da fonte em que a ocorrência aparece. Por exemplo: “*Não costumo chutar de perna esquerda. Mas fui feliz, consegui <<bater bem>> e fiz um gol importante*”, comentou. {SBCODA2010.09}
- 2) A variante: neste campo registrou-se a variante fraseológica encontrada nos textos do corpus e por não ocorrerem em todos os casos, está marcada entre parênteses. A variante de maior frequência no corpus é a que consta na unidade-entrada principal, sendo, portanto, a portadora da definição.
- 3) No campo destinado à remissiva registraram-se as unidades fraseológicas que apresentaram alguma relação semântica com o termo entrada. As remissivas foram grafadas em itálico pela abreviatura *Cf.* (conferir).
- 4) Nas notas elencou-se uma série de aspectos relacionados ao fraseologismo desde o ponto de vista sintático, semântico, pragmático ou cultural, que apresentou maior ou menor desenvolvimento em função do tipo de UF.
- 5) A data indica quando a ficha foi preenchida pela primeira vez.

3.2 A ORGANIZAÇÃO DO DICIONÁRIO

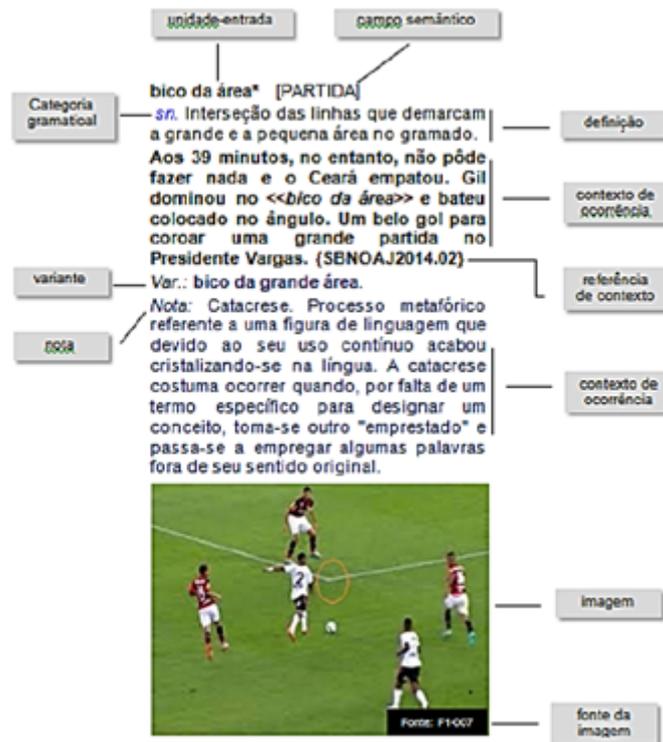
Depois de estabelecer os itens que iriam compor a ficha fraseológica, como visto anteriormente, partiu-se para o tratamento fraseológico da organização dos dados, com o objetivo de elaborar a composição dos verbetes. Para a organização do dicionário seguiu-se a orientação proposta por Xatara (2011), observando algumas adaptações.

VERBETE = UNIDADE (FRASEOLÓGICA) - ENTRADA + CAMPO SEMÂNTICO + CATEGORIA GRAMATICAL + DEFINIÇÃO + CONTEXTO ± (VARIANTE) ± (REMISSIVA) ± NOTA ± IMAGEM ± VÍDEO

Após o término da tarefa de preenchimento das fichas fraseológicas com a definição de cada unidade-entrada, passou-se à etapa de alimentação dos dados

no software *Lexique Pro*. Para tal, as categorias que compõem o verbete de cada fraseologismo foram configuradas em cada etiqueta, de modo que a composição final do verbete da entrada principal ficou como ilustrado na **Figura 1**, abaixo:

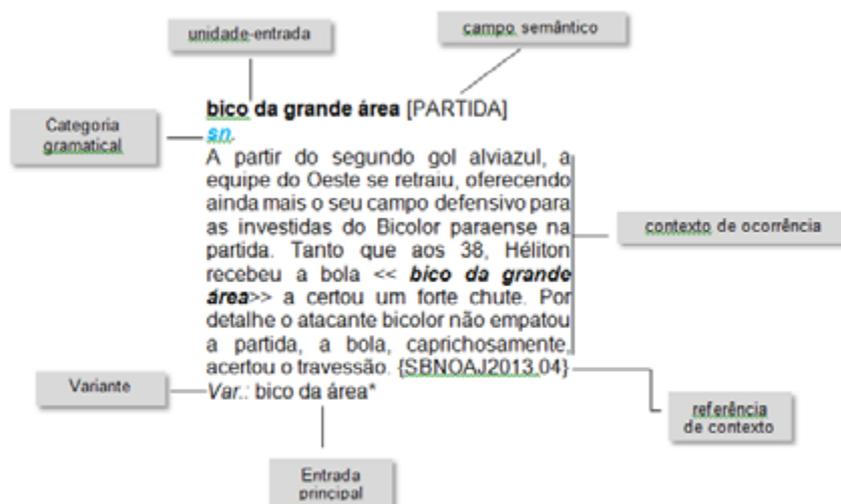
Figura 1 – Verbetes principal



Fonte: *Lexique Pro*

E o verbete da entrada-variante.

Figura 2 – Verbetes variante



Fonte: *Lexique Pro*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste artigo foi mostrar as implicaturas envolvidas nas etapas de construção de um dicionário fraseológico e por consequência as escolhas metodológicas adotadas durante a execução dessa tarefa. Para atingir esse objetivo coletou-se fraseologismos do domínio do futebol e mostrou-se como a ficha fraseológica pode se tornar um instrumento de ajuda na organização dos dados fraseológicos conforme as suas especificidades. A partir da ficha foi possível elaborar o verbete da entrada principal e da entrada variante, o que sistematizou o trabalho de etiquetagem na configuração do software *Lexique Pro*.

Nosso intuito foi efetuar a descrição e a ilustração dos pontos que compõem a ficha fraseológica e esperamos que nosso trabalho possa auxiliar a elaboração de etiquetas para pesquisadores em fase inicial de contato com o assunto. Por se tratar de uma pesquisa desenvolvida em várias etapas, a ficha fraseológica acabou se mostrando um instrumento analítico e descritivo de consulta constante, portanto, muito útil aos nossos propósitos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. M. B.; CORREIA, M. Terminologia e *corpus*: relações, métodos e recursos. In: TAGNIN, S. E.; VALE, O. A. *Avanços da Linguística de Corpus no Brasil*. São Paulo: Ed. Humanitas, 2008.
- ALVES, I. M. *Estudos lexicais em diferentes perspectivas* [recurso eletrônico] /organizado por Ieda Maria Alves ... [et al.]. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2014.
- AUBERT, Francis Henrik. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue* / Francis Henrik Aubert – 2. ed. – São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BIDERMAN, M.T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. e ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 11-20.
- BORBA, F. S. (Org.). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.
- BOULANGER, J-C. *Lexicographie générale*: Notes de cours. Brasília, UnB, 1995.
- BOUTIN-QUESNEL, R. et al. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, p. 233-58, 1982.
- MERJI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ALVAREZ, Maria L. O. (Org.) *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

- _____. Défigement et jeux de mots. *Etudes Linguistiques*, v.3, Tunis, 1997, p. 75-92, 1997.
- MONTORO, Esteban Tomás del Arco. La variación fraseológica y el diccionario. In: *De Lexicografía. Actas del Symposium Internacional de Lexicografía*. Barcelona, 2004, Institut Universitari de Linguística Aplicada.
- OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M. E. *Fraseografía teórica y práctica*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.
- PAVEL, Silvia; NOLET, Diane. *Manual de terminologia*. Tradução de Enilde Faulstich. Travaux Publics et Services Gouvernementaux. Canadá: Bureau de la Traduction, 2001.
- PONTES, A. Luciano. *Fraseologia em dicionários escolares brasileiros*. Rev. de Letras - Vol. 30 - 1/4 - jan. 2010/dez. 2011
- ROCHA, Ruth. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2010.
- RONCOLATTO, E. *Critérios para a organização de dicionários fraseológicos*. Cad. Est. Ling., Campinas, 46 (1): 43-52, Jan./Jun. 2004
- SERRANO LUCAS, Lucía Clara. *Metodología para la enseñanza de la fraseología en traducción: la ficha fraseológica como tarea final*. Paremia, 19: 2010, pp. 197-206.
- STREHLER, René G. *Fraseologismos e sinonímia*. In: _____. *Trabalhos em linguística aplicada*. Campinas, v. 42, p. 145-156, 2003.
- _____. *Análise de categorias de marcas de uso em dicionários*. Brasília: UnB, 1998.
- TRISTÁ PÉREZ, A. M. *Fraseología y Contexto*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.
- XATARA, C. M.; PARREIRA, M. C. A elaboração de um dicionário fraseológico. In: ORTIZ, A. M. L.; UNTERNBAUMEN, E. H. (Orgs.). *Uma (Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 69-75.